

EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

ROLLS-ROYCE LANÇA O ESPETACULAR PHANTOM VIII  
LIFESTYLE: AS MAIS BELAS SUÍTES GRIFADAS PELO MUNDO

# Forbes <sup>Brasil</sup>

A EXCLUSIVA LISTA DOS

# 170

# BILIONÁRIOS BRASILEIROS

NÚMERO DE FORTUNAS NO PAÍS AUMENTA, APESAR  
DA CRISE E DAS OPERAÇÕES DA POLÍCIA FEDERAL

EDIÇÃO 53

R\$ 27,70

ISSN 977-151845200-1



ENTREVISTA

**Leila Pereira**, dona da Crefisa e estreante no ranking, fala sobre os R\$ 100 milhões "perdidos" no Palmeiras

# LUCRANDO COM SONHOS

*Ex-vendedor chega a 400 mil clientes com empresa de passagens aéreas*

POR *Andrea Vialli*

**O** ano era 2009. O Brasil experimentava um crescimento econômico exuberante, com aumento da renda dos trabalhadores e forte ascensão da classe C. As empresas voltaram seus olhos a esse novo e ávido mercado. A oferta de produtos e serviços "populares" explodiu.

Luiz Andrezza trabalhava como vendedor de eletrodomésticos quando conheceu a recém-criada Vai Voando, que tinha o objetivo de vender passagens aéreas para consumidores de baixa renda, tradicionais clientes das empresas de ônibus. O modelo de negócio era a venda pré-paga no carnê: o cliente escolhia uma passagem aérea e a empresa emitia o carnê com parcelamentos em até 12 vezes – mas ele só embarcava quando tinha a passagem totalmente quitada. No início, foram dois desafios: convencer as companhias aéreas de que aquilo poderia dar certo e quebrar o estigma, entre os consumidores, de que passagens aéreas eram inacessíveis. "Nosso público-alvo é o morador de periferia que tem laços familiares no Norte e Nordeste, que não tem cartão de crédito e muitas vezes não tem como comprovar renda, mas viaja com regularidade", diz Andrezza, hoje diretor geral da Vai Voando.

A empresa estruturou-se com pontos de venda em áreas periféricas de São Paulo e comunidades cariocas. O negócio prosperou, atravessou a "bolha da classe C" e manteve-se sólido mesmo com a crise econômica. Hoje são 460 revendedores que tornaram possível o embarque de 400 mil passageiros – a maioria, pela primeira vez na vida. Para Andrezza, além do bom resultado financeiro (R\$ 58 milhões em 2016 e projetados R\$ 77 milhões este ano), o negócio é responsável pela inclusão social de muita gente no mercado de turismo, além de melhorar a qualidade de vida dessas pessoas. "Um trabalhador que tira dez dias de férias e fica quatro deles dentro de um ônibus perde tempo e dinheiro e não descansa", diz.

A Vai Voando quer agora aumentar o leque e estimular potenciais viajantes a conhecer lugares novos, inclusive fora do país. Começou a vender pacotes que incluem hotéis e prepara o lançamento de passagens internacionais – tudo em 12 vezes no carnê.



Luiz Andrezza,  
diretor geral  
da Vai Voando



Universitários do IFCE comemoram vitória no Enactus

ENACTUS 2017

## CEARÁ VENCE ETAPA BRASILEIRA

UM PROJETO DESENVOLVIDO por universitários do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), que visa reduzir a perda de alimentos e promover técnicas de irrigação no semiárido para agricultores familiares, venceu a etapa brasileira do Enactus 2017, que recebeu 68 iniciativas de universitários de todo o país. O time do IFCE vai representar o Brasil na Enactus World Cup em Londres, em setembro. A Enactus é uma organização internacional que fomenta o empreendedorismo social dentro das universidades. Está em 36 países e mantém parceria com empresas como KPMG, Walmart, Cargill e Ford.

VALE DO DENDÊ

## A CAPITAL CRIATIVA DO PAÍS

A ACELERADORA Vale do Dendê, criada em 2016, em Salvador, realizou em agosto seu primeiro evento na cidade, a Ocupação Afro Futurista (foto), com o objetivo de buscar empreendedores que ajudem a transformar Salvador na "capital criativa do país". A aceleradora se propõe a apoiar empreendedores nas áreas de inclusão social, cultura, design, tecnologia, gastronomia e arquitetura (em especial na revitalização de espaços públicos e privados). Os negócios devem ter perfil inclusivo, criados por jovens negros e mulheres.



DINHEIRO

## CVM REGULAMENTA CROWDFUNDING



Equipe da plataforma Broota

A COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (CVM) publicou em julho a Instrução Normativa 588, que regulamenta o financiamento participativo por meio de plataformas online, sistema conhecido como equity crowdfunding. O modelo vem sendo utilizado por startups e empreendedores sociais que ofertam, na internet, ações ou cotas da empresa para viabilizar seus negócios. Segundo as regras da CVM, empresas podem captar até R\$ 5 milhões com esse mecanismo, desde que não ultrapassem o faturamento de R\$ 10 milhões por ano. No Brasil já existem plataformas direcionadas a esse tipo de investimento, como a Broota e a EQSeed. A aceleradora de negócios sociais Din4mo também trabalha com o mecanismo, que possibilitou captar e investir R\$ 2 milhões em negócios sociais como a Vivenda, empresa que trabalha com reformas voltadas à população de baixa renda.



ENTREVISTA

## O FUTURO DO CAPITALISMO

*Para a coordenadora do Centro de Empreendedorismo Social da USP, as empresas querem fazer negócios com "propósito" – e a nova geração de gestores está alinhada com essa ideia*

HÁ 20 ANOS A ECONOMISTA Graziella Comini estuda o empreendedorismo social e suas variadas vertentes no Brasil e no mundo. Nesse período, viu a consolidação das ONGs no país e, mais recentemente, o surgimento de novos formatos híbridos de organização, que mesclam características de empresas privadas com características do terceiro setor. Coordenadora do Centro de Empreendedorismo Social e Administração do Terceiro Setor (Ceats) da Universidade de São Paulo (USP), considerado referência no tema, Comini também está à frente do primeiro MBA em Gestão de Negócios Socioambientais da Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade (Escas), que já está na quarta turma. Em sua tese de livre-docência, ela percorreu os 27 estados brasileiros estudando as particularidades dos empreendimentos sociais que estão emergindo no país.

**FORBES BRASIL: O Ceats estuda o empreendedorismo social desde quando o termo não era conhecido. O que mudou de lá para cá?**

**Graziella Comini:** A partir da década de 1990, o que ocorreu foi o crescimento de ações filantrópicas por parte das empresas, além de uma forte aproximação entre elas, as ONGs e as instituições públicas. Ocorreu ainda uma revisão de valores nas organizações, com maior consciência sobre os impactos que elas desejam causar na sociedade. Em razão disso, vemos a emergência de novos formatos organizacionais híbridos, que buscam atingir resultado financeiro e geração de valor socioambiental – na prática, os muros entre empresas e ONGs estão sendo derrubados. Empresas sociais, negócios inclusivos, negócios sociais, negócios de impacto social... Tudo isso são termos agora usados para designar essas organizações.

**Qual é a principal característica dos negócios sociais no Brasil?**

Nas nossas visitas de campo nos 27 estados brasileiros, eu e minha equipe verificamos que os negócios sociais são organizações híbridas, com espectro diversificado em seu *modus operandi*: algumas se assemelham a empresas tradicionais,

outras atuam de modo similar a uma ONG. Algumas praticam a lógica de mercado e outras têm maior ênfase na lógica social.

**Muitos apontam que o empreendedorismo social é o futuro do capitalismo, por ser considerado mais inclusivo e por lidar com um propósito, palavra que está em voga tanto entre os millenials como no meio corporativo. Você concorda?**

Não é uma varinha de condão, que vai resolver todos os problemas gerados pelo capitalismo. Mas o fato é que as desigualdades vêm aumentando no mundo, mesmo com toda a inovação. A questão ambiental também é um desafio. Então as organizações estão querendo sair da bolha, estão vendo que precisam fazer negócios de forma diferente. As grandes empresas precisarão ser mais inclusivas em suas cadeias de valor. Um caso conhecido é o da Danone, que criou um fundo para financiar a inovação social. A geração que hoje está na universidade e de onde sairão os gestores do futuro acredita fortemente no empreendedorismo com propósito.